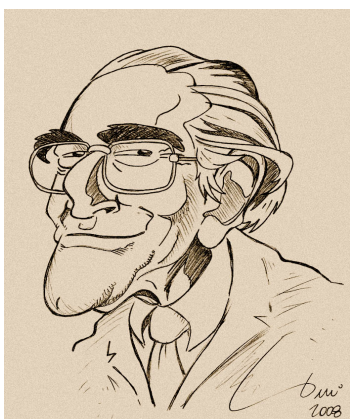




Em 2001, quando o Congresso brasileiro aprovou projeto permitindo a divisão do Pará e a criação de um estado do Tapajós, um dos santarenos mais paraenses de todos os tempos, o poeta **Ruy Barata**, escreveu uma pequena e ao mesmo tempo imensa frase: “**eu sou de um país que se chama Pará**”

. Ruy Barata é o patrono do Grão-Pará livre: ligado ao Brasil por opção, mas com sua soberania, com sua dignidade, preservadas.

Neste momento que o Congresso brasileiro aprovou a realização de plebiscito sobre criação do estado do Tapajós, é oportuno divulgar o grito de guerra de Ruy Barata que sugere uma reflexão: quem tem interesse na divisão do Pará? Que futuro podemos esperar se essa divisão se concretizar?



Ruy Guilherme Paranatinga Barata (Santarém, 25 de junho de 1920 — São Paulo, 23 de abril de 1990)

“Sou paraense e, como tantos bons paraenses, nascido em Santarém.

Acho inadmissível a intenção de dividir o Pará.

Idéia obtusa de maus santarenos e de maus paraenses, guiados por ambição desmedida e por interesses pessoais, a divisão do Pará em tudo compromete o futuro desenvolvimento da região.

Maus santarenos que se deixam levar pela ilusão de que essa figura institucional que é ser capital de estado lhes trará melhores dias.

Maus paraenses movidos pelo interesse politiqueiro de ter mais cargos públicos a sua disposição.

Maus santarenos que ofertam gratuitamente ao estado brasileiro a sua verdadeira cidadania - de grão-paraenses, de amazônidas.

Maus paraenses que se esquecem da lição da história.

Maus santarenos e maus paraenses que se esquecem que o Grão-Pará já foi um país independente e que, se faz parte do Brasil atual, é porque foi constrangido, obrigado a isso.

Que não percebem que a divisão do Pará enfraquece a sua verdadeira, única e profunda identidade - a de grão-paraenses.

Que não percebem que é somente nesse fundo ideológico comum a todos os amazônidas, nessa idéia adormecida, que estão suas melhores chances de porvir.

Dividam o Pará, maus paraenses, maus santarenos, e terão mais 150 anos de adormecimento.

E quando falo em Grão-Pará não estou falando em independência política da Amazônia - uma idéia estapafúrdia no mundo atual, o qual corre em sentido inverso.

Estou falando em soberania, dignidade cultural, no orgulho saudável de que tanto precisamos para reivindicar nossos direitos de amazônidas e crescer com felicidade e justiça.

Estou falando, em síntese, de identidade.

A soberania do Pará, neste momento, tem a oportunidade de renascer em Santarém, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Oriximiná.

Da mesma forma como nasceu no Tapajós o grito de guerra de Ruy Barata: “Eu sou de um país que se chama Pará”.

É todo o Tapajós que grita, na sua essência: “Eu sou de um país que se chama Pará”.

E não teremos nem dignidade e nem identidade se nos dividirmos.

O Pará não se divide, da mesma forma que nossa dignidade, nossa soberania, nossa cultura não se dividem.

O Pará não se divide. O Pará apenas se une. Porque é na união, e não na divisão, que encontraremos o rumo do futuro”.